

Elementos bascos en Portugal

1. No velho Portugal o Conjunto dos países vascongados era *Biscaia* (Biscaia). A linguagem dos Euscaros, *Vasconço*.

Eis as duas noções *geraes* que deduzo das aliás parquissimas referencias a uns e à outra em prosas do seculo XIV e do XVI.

2. No *Livro de Linhagens*, atribuido ao Conde D. Pedro de Barcelos, bastardo de D. Denis, e publicado em 1854 por Alexandre Herculano (na Coleção academica dos *Portugaliae Monumenta Historica: Scriptores*) ha um *Titulo* (o IX) sobre os principios historicos da Biscaia: *De como os de Biscaya por nam terem Senhor, tomaram por Senhor Froom, irmão del Rey de Imgraterra que hi veo teer com huum seu filbo, e como delle descemderam os de Bizcaya* (p. 258).

Nele narra-se extensamente a Lenda de Diego Lopes e *da Dama Pé-de-Cabra*, que, modernizada pelo historiador, ainda é hoje o que a mocidade portuguesa sabe de mais romantico a respeito dos Bascos.

Os de Biscaia pagavam um pesado tributo ao poderoso Conde das Asturias, D. Moñinho. A libertar-se dele ajudou-os D. From e seu filho Furtam (?) Froes que, banidos da Inglaterra, tinham aportado no golfo. Juntos lidaram contra os Asturianos perto de uma aldea chamada *Vusturio*. E vencendo mataram tantos que todo o campo, em que havia muitas pedras, ficou cheio de sangue. Por isso puseram-lhe o nome de *Arguriega que tanto quer dizer por seu linguagem de vasconço como pedras vermelhas. . . . e hoje em este dia* (C. 1350) *ássi ha nome*.

Diego Lopezé era filho de D. Lopo Ortiz, neto de Furtam Froes, e bisneto de D. From.

Ignoro se algum bascologo ja se occupou dos dois nomes topograficos.

3. Nos *Autos* de Gil Vicente ha varias alusões, humoristicas, baseadas todavia no conhecimento directo de Biscainhos na Lisboa de D. Manuel. Nas *Trovas de Maria Parda* figura urna taverneira biscainha (III 368). *Bilbao* e a *Biscaia* são citados como terras distantes e diversas da praia occidental lusitana.

*A carne está em Bretanha,
e as couves em Biscaia*

exclama, para dizer *cá perto não ha nada disso*, o esfaimado e esfarapado capelão de um fidalgo de pouca renda e muito aparato, que é a figura principal da *Farsa dos Almocreves* (III 203).

*Está a doença em Bilbao,
vós is antre Douro e Minho,*

estais a mil leguas da verdade, diz o moço do Clerigo namorado na *Farsa dos Fisicos* a um deles, motejando da sua ignorancia (III 319).

4. Um vocabulo, dos numerosissimos onomatopaicos, de que dispõe a lingua basca, sai, na *Barca do Purgatorio*, da boca do companheiro do Diabo que é arrais do batel. É *gurgurugao*. E empregado no sentido de *em vão, de balde, sem resultado*. Suponho que o comediografo o apanhara ouvindo entoar a Cantiga N.º 431 do *Cancionero Musical* publicado por Barbieri.

Anonima e abigarrada, principiando *Jauçu janto dego de garci-gorreta*, ela é composta de nomes topograficos e apelativos soltos bascos, de mistura com alguns castelhanos e contém *gurgurengoa* (*en* em vez de *ru*) no verso 8.º Para ela como uma das mais antigas que se imprimiram, e N.º 443 *Zutegon E zinguel deriquegon*, chamei outrora a atenção do mallogrado Edward Spencer Dodgson que se ocupou dela em *Notes and Queries* (June 16, 1900), com tão pouco resultado como o fizera o comentador Carmelo Echegaray.

5. Ao vasconço alude João de Barros de passagem, tratando-o -de lingua incompreensivel (na sua estranha construção aglutinante), impossivel mesmo de escrever.

Na sua *Gramatica* (de 1539) menciona -o no Capítulo Das Figuras, ou mais exactamente no paragrafo sobre Metateses, citando transposições como *trocar torcar, apretar apertar*, e acrescentando *como os que falam vasconço que trocam huas letras por outras* (p. 165).

6. No *Dialogo em louvor da nossa linguagem* (1540) diz, ao discursar sobre as excelencias do portuguez e do castelhano. *Certo é que a limpa* (sc. *lingua*) *castelhana, muito melhor é que o vasconso de Biscaia e o cecear cigano de Sevilha, as quaes nom se podem escrever* (p. 218).

Sciende de que não tinham monumentos literarios escritos, talvez quisesse enunciar apenas que as letras do alfabeto latino não eram suficientes para transcrever os sons das duas falas.

7. Em outra ocasião, ao censurar termos scientificos mal formados, que nao são bom latim nem bom grego, junta a observação *que casy são hũ vasconço de artes* (p. 223).

É tudo que até agora notifiquei com relação ao *vasconço* em textos antigos portugueses.

Na *Gramatica* de Fernam d'Oliveira, que saindo em 1536 precedeu a de Barros, e é rica em observações subteis, não encontrei nenhuma acerca do assunto.

Porto, Dezembro de 1923.

CAROLINA MICHAËLIS DE VASCONCELLOS